

KRENAK, Ailton. **O Amanhã Não Está a Venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

*Daniel Caetano Bittencourt<sup>1</sup>*

Membro do povo Krenak, que vive na região do Vale do Rio Doce, Ailton Alves Lacerda Krenak, nascido em 1953, é um proeminente ativista do movimento socioambiental e dos direitos indígenas. Desde a década de 70 contribui com diversas conquistas das causas indígenas, bem como por visibilidade das pautas dos povos originários e também ambientais. Sua atuação foi determinante para garantir que a Constituição de 1988 assegurasse direitos indígenas à sua própria terra, ainda que essa realidade, na prática, se mostre diferente. O território de seu povo sofre com a atividade de extração de minérios, da qual impacta profundamente a qualidade da água do Rio Doce, tão importante para a subsistência dos habitantes da região. Por isso, o autor enfatiza a importância de repensar as diversas formas de interação com a natureza, tão necessário em tempos em que o meio ambiente se torna uma pauta cada vez mais urgente. Nesse sentido, os diversos prêmios adquiridos em sua trajetória de vida e a sua recente nomeação a Academia Brasileira de Letras, dão potência às importantes palavras desse célebre escritor indígena.

Seu livro, “O Amanhã Não Está a Venda”, publicado em 18 de abril de 2020, foi baseado em três entrevistas concedidas pelo autor durante a pandemia de COVID-19, onde expôs suas reflexões a respeito desse período de isolamento e de alguns impactos sociais causados por esse vírus num momento em que a vida humana estava em xeque. Recolhido em meio a sua família, entre o povo Krenak, o autor deixa claro que eles já se encontravam em situação de isolamento muito antes da crise pandêmica sequer existir, pois a realidade dos povos indígenas se traduz numa grande invisibilidade em relação ao resto da sociedade. Esse isolamento se mostra necessário à medida em que se lida com um vírus global e altamente contagioso, mas a verdade é que os povos indígenas já eram refugiados em sua própria terra, no que ele chama de confinamento involuntário. É interessante notar o paralelo exercido pelo autor, pois comparando o isolamento de seu povo ao do restante da sociedade, é possível

<sup>1</sup> Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

perceber como as culturas se mostram diferentemente afetadas pela paralização econômica em decorrência da pandemia. Algo da qual ele faz uso para criticar o consumismo sistêmico reproduzido pelas culturas de massa.

Assim, partindo de uma crítica ao antropocentrismo presente na cultura contemporânea, Krenak discursa sobre a necessidade de se fazer entender o homem como uma parte da natureza da qual ele também é dependente e, portanto, deve-se repensar sua relação com ela. A partir da pandemia, fica evidente em sua visão como o modo de produção capitalista e sua exploração de recursos naturais precisa ser refreado a fim de permitir que a natureza se recomponha de séculos de degradação. O maior exemplo disso é o próprio Rio Doce, da qual o povo Krenak tira sua subsistência. As águas desse rio se encontram em processo de contaminação devido a atividade mineradora da região e a forma mais evidente de frear esse processo é parar com essa atividade. Segundo o autor, sua interrupção foi considerada impraticável, até que veio a pandemia e o mundo precisou parar.

Não por acaso Ailton Krenak trouxe esse relato, já que ele corrobora com sua argumentação de que é necessário repensar a relação homem-natureza. Sobretudo diante do fato do vírus da Covid só afetar seres humanos, deixando todo o resto da vida do planeta intocável. Nas palavras do autor, essa é a prova de que o mundo não comporta mais a degradação imposta por seres humanos e precisa de um descanso para se recuperar. O vírus seria, assim, uma forma de dizer que basta, dentro do contexto ambientalista na qual o autor tece suas reflexões. As pessoas vivem suas vidas, sem se importar com o amanhã, como se o dia depois de hoje estivesse garantido, mas não está. Segundo Krenak, é preciso que a sociedade pare de vender o amanhã e que se viva, antes, o hoje. O mundo hoje precisa de intervenção, precisa de cuidado com a natureza, então não é possível imaginar um amanhã sem antes cultivar a ideia que é preciso cuidar do agora.

Essa declaração, entretanto, vai de embate a de alguns governantes, inclusive - há época - do Brasil, de que a atividade econômica não podia parar. Porém, como observado por Krenak, a economia foi algo criado por seres humanos e se, a atividade humana precisa parar, como esperar que a atividade econômica continue? Essa contradição foi muito bem comparada pelo autor a um navio sem tripulação, na qual ele não pode ter outro destino se não o de ficar à deriva. Essa necropolítica praticada por alguns governantes não ficou de fora da ótica do autor, onde ele aponta uma contradição sobre como o colapso da vida humana é

diminuído frente ao colapso da economia, dentro do discurso daqueles que representam os interesses do mercado. O sistema capitalista, através da lógica da meritocracia e do estímulo ao consumo e produção, faz com que o indivíduo dependa exclusivamente de si mesmo para produzir seus meios de vida ou de morte, caso não se mostrem aptos a produzir.

Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo para de produzir, passa a ser uma despesa. Ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer (Krenak, 2020, p.7).

Essa forma de organização social é duplamente lesiva, pois primeiramente, recai unicamente sobre o indivíduo a responsabilidade por se manter vivo e, segundamente, faz com que o coletivo não exista como um meio de construção de soluções conjuntas, mas um meio na qual os indivíduos lutam entre si para que possam estabelecer seus modos de vida.

Desse modo, a forma como se dá relação com a natureza dos povos originários influencia bastante a argumentação de Krenak e parece se traduzir como um elo perdido na relação homem-natureza em que a sociedade capitalista está alicerçada. A necessidade de se compreender as questões ambientais como urgentes está também vinculada a ideia de que a natureza precisa ser respeitada e cuidada para que só assim possamos nos permitir pensar num amanhã. Antes, se eram apenas os povos originários ameaçados de extinção, por um momento, o mundo todo experimentou esse temor. O fato de o vírus só afetar a raça humana, parece ser um indício de que é necessário, mais do que nunca, refletir sobre o que nos faz humanos e qual o nosso papel num mundo em que se encontra cada vez mais degradado pela atividade humana. O Amanhã Não Está à Venda trata de um tema urgente e muito necessário, na qual os povos originários também têm algo a contribuir e, talvez, escutá-los represente o resgate que precisamos para a construção de um amanhã melhor e, sobretudo, possível.